

# GÊNERO E LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL<sup>1</sup>

Michele Machado Souza

## RESUMO

Gênero é o modo como as diferenças sexuais são entendidas socialmente, em um determinado tempo histórico e cultural. Desse modo, o objetivo dessa escrita baseia-se em investigar qual é o olhar do professor perante a construção da identidade de gênero pela criança. A investigação é de cunho qualitativo, tendo, como recurso investigativo, sites com atividades indicadas como apoio ao trabalho do professor e/ou como entretenimento das crianças. Foram feitas leituras hermenêuticas das imagens desses materiais e, com os resultados obtidos na compreensão dos trabalhos, foi possível perceber que ainda faz-se necessária uma discussão mais ampla sobre a questão de gênero. Através das atividades que se apresentavam nos sites, notou-se que o trabalho pedagógico do professor de Educação Infantil junto às crianças pouco enfoca nas concepções atuais sobre o papel social desempenhado por homens e mulheres, mas destaca ainda aquela imagem de tempos atrás, de que a mamãe cuida da casa e dos filhos, enquanto papai trabalha para sustentar a casa.

Palavras-chave: Gênero. Ludicidade. Trabalho. Professor. Educação infantil.

## RESUMEN

Género es el modo como las diferencias sexuales son entendidas socialmente, en un determinado tiempo histórico y cultural. De este modo, el objetivo de esta escrita se basa en investigar cuál es la percepción del profesor delante a la construcción de la identidad de género por el niño. La investigación es de cuño cualitativo, teniendo, como recurso investigativo, sitios de internet con actividades indicadas como apoyo al trabajo del profesor y/o como entretenimiento de los niños. Fueron hechas lecturas hermenéuticas de las imágenes de estos materiales y, con los resultados obtenidos en la comprensión del trabajo, fue posible percibir que aún se hace necesaria una discusión más amplia sobre la cuestión de género. A través de las actividades que se presentaban en los sitios, se notó que el trabajo pedagógico del maestro de Educación Infantil junto a los niños poco enfoca en las concepciones actuales sobre el papel social desempeñado por hombres y mujeres, pero destaca aún aquella imagen de tiempos atrás de que la mamá cuida de los hijos, mientras el papá trabaja para sustentar la casa.

Palabras clave: Género. “Ludicidade”. Trabajo. Profesor. Educación infantil.

---

<sup>1</sup>Este trabalho, desenvolvido sob orientação da professora Maiane Liana Hatschbach Ourique, é apresentado ao componente curricular **Reflexão Sobre a Prática Docente**, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando penso em gênero e ludicidade, lembro-me de uma cena que presenciei no primeiro contato com uma escola de educação infantil: a mãe acompanhando o filho no período de adaptação e, em um momento de recreação, o menino pega uma boneca para brincar e ela logo o repreende, tirando-lhe o brinquedo da mão e avisando que aquele era brinquedo para meninas. A professora interferiu, dizendo à mãe que “não existe brinquedo para menino e para menina”. Lembro de outra situação em que o menino só brincava de boneca na escola, pois ele relatava que o pai não o deixava brincar em casa, só podia brincar com brinquedos “de menino”. Em outra situação do contexto de Educação Infantil, a professora confeccionou um boneco de pano, que era levado para casa pelas crianças; ao retornar para a sala de aula, elas tinham a tarefa de contar o que tinham feito com ele. Num desses dias, o menino relatou que não tirou o boneco da mochila, pois seu pai não iria gostar.

É difícil compreender que, neste momento, quando cada vez mais valorizamos o respeito às diferenças e uma concepção mais fluida acerca da sexualidade humana e da identidade de gênero situações como as relatadas acima ainda sejam correntes nas escolas brasileiras. Na educação infantil, estas noções são reconhecidas e discutidas em muito através do lúdico. Segundo Junqueira Filho *et al* (2012), as brincadeiras de faz-de-conta e jogos simbólicos nessa idade são essenciais. Por isso, é importante permitir às crianças estas situações para se expressarem e darem significado ao seu cotidiano. A partir da brincadeira, a criança tem a experiência de se relacionar com o mundo e vivenciar experiências de tomadas de decisões.

O lúdico é fundamental para o desenvolvimento infantil, pois permite às crianças expressarem-se através de brincadeiras e jogos. Mas, do ponto de vista pedagógico, não se pode esquecer que o jogo e a brincadeira (dirigida e livre) exigem do professor a explicitação de uma intenção, de um planejamento, ou corre-se o risco de ser apenas um momento de entretenimento, em que as aprendizagens acontecem de forma natural, sem a orientação intencional do professor. O olhar atento do professor para esses momentos servirá para identificar o que a criança está compreendendo e expressando durante as atividades.

Todas essas questões e tantas outras histórias que já ouvi durante minha formação inicial despertaram a curiosidade para saber como são abordadas nas escolas de educação infantil essas questões de gênero. Com isso, o objetivo dessa escrita baseia-se em investigar qual o papel do professor perante a construção de identidade de gênero pela criança. É uma pesquisa de cunho qualitativo, que tem como recurso metodológico páginas da internet que oferecem atividades prontas relacionadas às datas comemorativas do Dia dos Pais e do Dia das Mães, eventos típicos para tematizar noções de gênero com as crianças. Para compreender o sentido pedagógico destas atividades, é feita uma leitura hermenêutica de dois sites que disponibilizam materiais para impressão, com o objetivo de verificar de que forma contemplam as questões de gênero. As páginas foram escolhidas a partir de pesquisa na internet da frase: “atividades para educação infantil”. Faz-se necessário pensar a respeito de como essa temática está sendo abordada pelo professor em sala de aula, uma vez que é nessa etapa que a criança começa o reconhecimento do outro, a afirmação de quem é, a construção de identidades.

Hall (2002) diz que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, ela tornou-se móvel. A cada momento, assume-se uma identidade diferente e que, portanto, nunca está acabada, pois está sempre em construção e transformação. Os sujeitos adaptam-se as diversas situações, ora são professores, ora são pais, ora são alunos, se reorganizando organicamente com estas experiências sociais. A multiplicidade cultural interfere diretamente nas identidades que vão sendo constituídas subjetivamente.

É preciso estar atento à construção de identidades pelas crianças, tendo o professor um papel importante no que diz respeito ao exemplo que a criança irá seguir, direta ou indiretamente. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998a, p. 41-42):

No que concerne a identidade de gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher. Isso exige uma atenção constante por parte do professor, para que não sejam reproduzidos, nas relações com as crianças, padrões estereotipados quanto aos papéis do homem e da mulher, como, por exemplo, que à mulher cabe cuidar da casa e dos filhos e que ao homem cabe o sustento da família e a tomada de decisões, ou que homem não chora e que mulher não briga. Todavia, mesmo quando o ambiente é flexível quanto às possibilidades de exploração dos papéis sociais, os estereótipos podem surgir entre as próprias crianças, fruto do meio em que vivem, ou reflexo da

fase em que a divisão entre meninos e meninas torna-se uma forma de se apropriar da identidade sexual [...].

Através de brincadeiras, pode-se notar a maneira como as crianças se comportam com relação ao gênero. Esse comportamento depende muito da influência da família. Como relatei, não raramente, vemos meninos que não podem brincar de bonecas ou meninas que não podem brincar de carrinho, pois existe a crença arraigada em nossa cultura de que as brincadeiras determinariam os comportamentos sexuais quando adultos. Assim, atribui-se valores de certo e errado, feio e bonito, aceitável e não-aceitável.

A mídia também reproduz esse discurso de valores, pois geralmente as mulheres aparecem sendo desmerecidas, sendo apenas enfocadas em sua dimensão sexual e representação de um padrão de beleza, enquanto que ao homem cabe ser forte, bem sucedido, valente, ativo, fortalecendo a imagem socializada de “salvador da mulher indefesa”. Esse comportamento, na maioria das vezes, é encarado como algo “natural”, representando a “essência” masculina ou feminina, sendo usado como justificativa para a desigualdade entre os sexos. A concepção de gênero despontou de encontro a essa essência, procurando assinalar que os comportamentos dos homens e das mulheres - hoje tratados como naturais - são determinados pela sociedade (FELIPE, 2001, p. 61-65).

Gênero são símbolos e significados construídos sobre a diferença sexual. As relações de gênero resultam de construção social, pois cada sociedade possui seus próprios critérios para instituir as relações sociais e, para compreendê-las é necessário saber como gênero se articula com o poder. A análise de gênero é definida como constitutiva de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos, assim como uma forma de expressar as relações de poder (SCOTT, 1995).

Louro (1997, p. 97) expõe que gênero é uma construção social baseadas nas diferenças sexuais. Embora as diferenças sexuais não sejam o foco do estudo de gênero, mas sim como ela é interpretada. Portanto, gênero é o modo como as diferenças sexuais são entendidas socialmente, em um determinado tempo histórico e cultural. A partir deste recorte teórico-metodológico, o presente estudo se estrutura em três partes: Lúdico, respeito à criança e o papel do professor; Noções de gênero e perspectivas atuais; O gênero nas atividades infantis;

## 2 LÚDICO, RESPEITO À CRIANÇA E O PAPEL DO PROFESSOR

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil, fixadas na Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, (BRASIL, 2010, p. 12) definem criança como:

Um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

A criança é valorizada através desse reconhecimento e acompanhando esse processo os professores carecem de renovação para trabalhar em sala de aula. A criança aprende através do lúdico, do faz de conta. Portanto, há outra maneira da criança aprender. Para ela, o brincar é envolvente, mas nem sempre é prazeroso. Segundo Dantas (2010), “brincar é anterior ao jogar. Brincar é forma mais livre e individual, que designa as formas mais primitivas de exercício funcional”. O autor mostra que o lúdico engloba a atividade individual e livre e a coletiva e regrada.

Froebel foi o primeiro educador a colocar o jogo como parte do trabalho pedagógico. Criou o jardim de infância com uso de jogos e brincadeiras. A metodologia de unir o jogo aos estudos parece justificar o nome *ludus*, designando as escolas que davam as primeiras instruções. Filósofo do período romântico, Friedrich Froebel acompanhou uma época de mudança no que diz respeito à concepção de criança. Acreditou na criança, enaltecendo-as, valorizando-as e defendendo a expressão do ser infantil através de brincadeiras livres e espontâneas (KISHIMOTO, 2010).

Negrine (2008) defende que o lúdico é essencial aos humanos, quando contribui para melhorar a qualidade de vida. Para expressar sentimentos, emoções, sensações, o lúdico torna-se um mecanismo importante, pois nem sempre se consegue descrever o que se sente.

Vygotsky (1998) afirma que o sujeito se constitui nas relações com o outro, por meio de atividades caracteristicamente humanas. A brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito, rompe com a visão tradicional de que ela é atividade natural de satisfação de instintos infantis. O autor apresenta o brincar como uma atividade em que, tanto o significado social e historicamente produzidos são construídos, quanto novos podem

surgir. A brincadeira e o jogo de faz-de-conta seriam considerados como espaços de construção de conhecimentos pelas crianças, na medida em que os significados que ali transitam são apropriados por elas de forma específica.

O desenvolvimento do conhecimento está intimamente relacionado com o comportamento do professor frente à criança e a metodologia utilizada para propiciar o progresso aos sujeitos. A postura do profissional da educação infantil é copiada, na maioria das vezes. Gonzales-Mena (2015) aponta que a modelagem é o ato de imitar, conscientemente ou não, sendo conhecida como aprendizagem pela observação. Diz que as crianças observam e tomam para si a atitude, ou seja, repetem o ato do professor.

A modelagem como método de ensino é uma das mais potentes formas de influenciar o comportamento das crianças. Em situações do dia a dia na educação infantil, é comum presenciar momentos nos quais o exemplo do professor é entendido como uma verdade única. Por exemplo, quando ele diz à criança que o desenho de um menino não pode ser colorido de rosa, pois essa cor representa as meninas, a criança está sendo limitada a entender que meninos não podem usar a cor de rosa. Ainda, quando uma menina quer brincar de super-herói e é aconselhada que brinque com brinquedos de meninas, o professor acaba por reforçar os modelos de feminilidade e masculinidade. O problema é que o efeito não pode ser anulado a qualquer momento, pois as atitudes, nesse caso, valem mais do que o discurso sobre determinado assunto. O gênero é silencioso, torna-se tão natural em determinados momentos que acabam não sendo problematizados. A criança aprende a partir da atitude do professor dentro da sala de aula, não adianta conversar sobre a preservação do meio ambiente, por exemplo, e jogar lixo no chão. Por isso, é tão importante refletir que valores estão sendo observados pelos alunos (GONZALES-MENA, 2015).

Quando as crianças observam, consciente ou não, a ação do professor com relação a situações de gênero, a modelagem ocorre da mesma maneira. A partir do momento que o professor deixa de realizar uma tarefa que supostamente só poderia ser feita pelo sexo oposto, está passando a mensagem de que meninos e meninas têm papéis diferentes na sociedade, ou seja, está modelando o gênero. Para modelar a equidade o profissional precisa fazer essas tarefas, para mostrar à turma, por meio de exemplos, mas, antes disso, ele precisa tomar consciência de que existem atitudes vedadas e é o primeiro passo para se tornar um modelo para as

crianças e posteriormente pensar o que fazer com relação às atitudes (GONZALES-MENA, 2015).

O papel do professor é muito importante de se pensar e se faz necessário uma revisão e acompanhamento do que está se deixando como modelo para as crianças. O professor que atua na educação infantil tem como função, além do cuidar, o educar e isso requer reflexão sobre a prática constantemente. O Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil (BRASIL, 1998, p. 41) aponta:

[...] que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação.

Assim, o profissional da educação infantil precisa trabalhar com o todo da criança, o corpo e a mente, objetivando o cuidado e a aprendizagem. Na contramão disso, não é raro ver profissionais pouco qualificados para atender tais funções. Em decorrência dessa desvalorização da profissão docente, é difícil identificar uma identidade desses profissionais para favorecer a criança em seu desenvolvimento global.

Construir a identidade do profissional da educação infantil não é uma tarefa fácil. Tem profissional que trabalha acreditando na vocação que tem para o trabalho, talvez seja esse um dos motivos que dificulta o reconhecimento da profissão docente com uma especificidade, diversa do sacerdócio, da “tia”, do “amigo”. Ser professor não é ter um dom, exige formar-se e especializar-se nos processos de ensinar e aprender, contextualizando-os nos movimentos históricos, políticos e culturais. As palavras de Pimenta (1999, p. 19) expõem sobre a construção da identidade do professor:

[...]Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de

novas teorias. Constrói-se, também pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor.

As creches e pré-escolas surgiram por mudanças em um dado momento de transformação social<sup>2</sup>, no qual as mulheres começaram a fazer parte do mercado de trabalho, constituindo um novo papel social, uma nova relação de sexos e surge uma nova concepção de infância e criança e a educação como meio de torná-la produtiva, de modo que atendesse às novas demandas sociais. Cada fase da sociedade tem uma maneira de enxergar a criança, e de mostrar as transformações que ocorrem com ela no passar dos tempos (BUJES, 2001). Atualmente, espera-se que o profissional seja capaz de propiciar momentos que a criança possa desenvolver a sua autoestima e suas capacidades (FELIPE, 2001, p.31). E dentro dessa perspectiva a relação de gênero é um fator preponderante, pois o gênero está em todos esses momentos, subentendido, velado, mas está. O respeito à criança deve ser cultivado para que proporcione segurança, para se desenvolver sem estigmas.

Para desenvolver a criança de modo integral, é preciso respeitá-la enquanto sujeito produtor de cultura. A escola precisa promover espaço para que possam expressar suas emoções, seus gostos e desgostos, aventuras e desventuras, ou seja, experimentar diferentes ocasiões para se constituir enquanto sujeito nas diferentes habilidades sociais. A turma é constituída por diferentes pessoas, cada uma com sua identidade e devem ser respeitadas na sua singularidade.

A linguagem empregada na educação infantil influencia diretamente na constituição do certo ou errado, na doutrinação da identidade das crianças. E conseqüentemente os sujeitos não se comportam naturalmente como meninos ou meninas, mas aprendem o comportamento baseado nos discursos que os rotulam e os identificam. O discurso dominante da sociedade ocidental determina que somente se pode ser menino ou menina, não se pode ser os dois, dessa forma aprendem a se comportar conforme o gênero.

---

<sup>2</sup> Para saber mais acerca da transformação social advinda com a Revolução Industrial, ver o texto "Escola Infantil: Pra que te quero" (BUJES, 2001).

### 3 NOÇÕES DE GÊNERO E PERSPECTIVAS ATUAIS

Há mais de cinquenta anos, Simone de Beauvoir sacudiu a poeira dos meios intelectuais com a frase Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. A expressão causou impacto e ganhou o mundo. Mulheres das mais diferentes posições, militantes e estudiosas passaram a repeti-la para indicar que seu modo de ser e de estar no mundo não resultava de um ato único, inaugural, mas que, em vez disso, constituía-se numa construção. Fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura.

Guacira Lopes Louro (2008, p. 17), em sua fala acima, expõe sobre como nasce o gênero em uma criança. Aponta a questão do gênero como uma cultura imposta a todos, antes mesmo do nascimento, quando se descobre o sexo da criança, pois desde esse momento determina-se que cor do enxoval, a cor do quarto e assim em diante durante toda a sua vida. A criança cresce com padrões impostos pela sociedade em que está inserida e entende determinadas situações como certas ou erradas. Por exemplo, no momento da recreação, fica evidente o descontentamento dos meninos quando uma ou mais meninas deseja participar da partida de futebol, tomando em conta que ainda o esporte é praticado na escola por maioria masculina. Mas nenhuma criança nasce sabendo que meninos podem jogar futebol e meninas não deveriam, essa informação é dada a eles através da observação de situações e comportamento dos adultos.

Em tempos atuais, está acessível às pessoas qualquer informação que se deseja ter ou algo que se quer aprender é possível pelos meios de comunicação. Basta ter acesso a uma rede de internet e acessar qualquer canal de vídeos para se encontrar a solução dos problemas cotidianos. Parece que a sociedade cada vez mais está a dizer ao outro o que fazer, o que comer, o que vestir, como se comportar em diferentes momentos, ou seja, está tudo pronto, basta copiar os moldes e, quem não os segue, é criticado por estar fora dos padrões.

A mídia contribui significativamente para a reprodução de um discurso de valores, pois geralmente as mulheres aparecem sendo desmerecidas atribuindo a elas a sexualidade e a representação de um padrão de beleza, enquanto que ao homem cabe ser forte, bem sucedido, valente, ativo e o salvador da mulher indefesa. Esse comportamento, na maioria das vezes, é encarado como “natural”, representando a “essência” masculina ou feminina, sendo usado como justificativa

para a desigualdade entre os sexos. A concepção de gênero despontou de encontro a essa essência, procurando demonstrar que o comportamento do homem e da mulher é algo determinado pela sociedade, assim como o que hoje se trata como natural (FELIPE, 2001, p.61-65).

Representações de gênero podem ser observadas em desenhos animados da televisão aberta, a qual a grande parte das crianças têm acesso. Esperança (2008, p. 47), em análise sobre a representação de gênero em dois desenhos animados, intitulados: Power Ranger Força Animal e Três Espiãs Demais, investigou as aprendizagens construídas pelas crianças a partir da interação com as produções televisivas direcionadas aos públicos infantis. Um dos resultados foi a definição pelas crianças de “desenho de gurria” (evidência relacionamento amoroso, aparência, roupas, maquiagens) e “desenho de guri” (destaca a força física, competição e automobilismo), sendo que apenas meninas citaram o desenho animado Três Espiãs Demais e somente os meninos citaram o seriado Power Ranger Força Animal. Portanto, é inconfundível a contradição no panorama substancial e na representação de papéis.

Outra prática recorrente na prática infantil é a leitura deleite ou a hora do conto, depende de cada instituição. Nesse momento, o responsável pela turma lê uma história às crianças e, aproveitando a atividade, tenta ensinar algum valor ou comportamento à criança. Essas histórias carregam, entre outras coisas, questões de gênero como, por exemplo, no clássico João e Maria. Quando analisada de forma mais profunda, é possível perceber que o menino foi preso pela bruxa por ser forte e hábil, enquanto a menina virou a empregada, pois sabia cozinhar e arrumar a casa. Nessas pequenas situações - naturalizadas - é que o gênero se faz presente e se perpetua de geração para geração. O professor da educação infantil deve estar com o olhar atento ao que está subentendido, para que não esteja estereotipando e reproduzindo papéis femininos e masculinos. Os clássicos infantis possuem um sentido marcante na literatura infantil, mas é preciso que se entenda o conteúdo ou a moral que está sendo contada.

Há pouco tempo, em uma rede social, discutiu-se muito sobre uma escola de princesas<sup>3</sup>, que foi criada na cidade de São Paulo com o intuito de ensinar meninas a se portarem perante a sociedade com pose de princesas. No currículo dessa

---

<sup>3</sup>Reportagem exibida na Revista Crescer < <http://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2016/10/escola-de-princesas-chega-sao-paulo-e-gera-polemica.html> >.

escola, estão incluídos comportamentos como sentar-se à mesa, cuidar da casa, servir um chá e dentre tantas outras regras de etiqueta, tidas como essenciais para uma pequena dama e excelente dona de casa futura. Não se trata de entender a expressão “dona de casa” como algo pejorativo, apenas uma reflexão sobre o que a sociedade ainda almeja para as meninas. Em contrapartida e em resposta a esta escola surgiu a escola do desprincesamento<sup>4</sup>, onde as meninas aprendiam atividades diferenciadas como artes marciais, atividades artísticas, jogos de raciocínio e dentre outras atividades.

Essas práticas que geralmente passam despercebidas e são consideradas inofensivas para as crianças, tornam-se uma forma de aprendizagem de modos culturais de vida. Conforme Louro (2008, p. 22-23) diz:

Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la.

Faz-se necessário refletir sobre a influência sobre essas representações, para serem trabalhadas e problematizadas em sala de aula, uma vez que a constituição dos sujeitos é quase que imperceptível quando visto de forma natural. Para Louro (2004, p. 60), tal ‘naturalidade’ tão fortemente construída pode nos dificultar a observação dos costumes nas atuais escolas. Louro (2004, p.63) descreve que é preciso estranhar as ocorrências mais rotineiras em que meninos e meninas atuam juntos, pois são esses episódios que necessitam de reflexões e desconfiança. “A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como ‘natural’”.

#### **4 O GÊNERO NAS ATIVIDADES INFANTIS**

---

<sup>4</sup>Divulgada na Revista

Crescer: <<http://revistacrescer.globo.com/Crianças/Comportamento/noticia/2016/11/sao-paulo-tera-curso-de-desprincesamento.html>>.

Para compreender de maneira ampliada o papel do professor de Educação Infantil em seu trabalho pedagógico sobre a construção de identidade gênero pela criança, realizei uma pesquisa de cunho qualitativo tendo como recurso investigativo sites com atividades indicadas para o apoio do trabalho do professor e/ou como entretenimento das crianças.

Dentre as atividades apresentadas, fiz uma busca dentro das páginas sobre atividades relacionadas às datas comemorativa do Dia dos Pais e do Dia das Mães, que são datas que mais tematizam as noções de gênero. Para isso, foram feitas leituras hermenêuticas das imagens nesses materiais a serem impressos para a educação infantil. As páginas foram escolhidas a partir de pesquisa no navegador com a seguinte frase: “atividades para educação infantil”.

Os dados foram coletados nos dias 29 e 30 de dezembro de 2016 e, dentre os resultados obtidos, escolhi, através das primeiras páginas que apareceram, dois sites: o primeiro intitulado “Ensinar e aprender” e o segundo, “SmartKids”. Dos conteúdos contidos nestes espaços virtuais, optei por atividades indicadas para crianças de 4 a 5 anos de idade. A pesquisa resultou em dezenas de atividades e, a partir destas, selecionei aquelas cujas temáticas foram recorrentes, totalizando dez atividades de cada data comemorativa tema para analisar.

Estas atividades selecionadas foram mapeadas a partir dos cenários apresentados, classificados em três categorias: “trabalho doméstico”, “lazer” e “cuidado”. Na primeira página, separaram-se cinco atividades de cada data e assim se fez para a segunda página.

São entendidas como trabalho doméstico as atividades que contemplam cuidados com a casa. O lazer representa atividades de passeios assim como as atividades físicas. São considerados como cuidado as imagens em que pais e mãe dispensam atenção para os filhos, atendendo as suas necessidades de alimentação e higiene.

#### 4.1 Trabalho doméstico

Tabela 1 – Pesquisa qualitativa sobre trabalho doméstico

	Ensinar e aprender	SmartKids
Mãe	3	1
Pai	0	0

Fonte: Ensinar e aprender (2017); Smartkids (2017).

A tabela evidencia que entre os trabalhos pesquisados, nenhum mostrou o homem realizando tarefas em que estivesse cozinhando, lavando louça ou algo semelhante, enquanto que para a mulher essa situação não é tão rara, ficando em evidência para essas tarefas. Estes trabalhos estão na internet, já formatados de maneira que possam ser impressos e distribuídos para as crianças. Se o professor não possibilitar as crianças o entendimento das múltiplas atividades que o homem e a mulher são capazes de realizar, uma aula com a utilização destas atividades pode ser suporte apenas para reproduzir uma visão machista, no qual a mulher tem que servir ao homem, pois ela tem que cuidar da casa e o homem trabalhar fora para prover o sustento da família.

Pode ser desse tipo de entendimento do que seja tarefa de homem e de mulher que se reproduz esse discurso de que a mulher é frágil, doce e amável, enquanto o homem sustenta a família, é forte e corajoso.

Desde muito cedo a sociedade impõe papéis femininos e masculinos às crianças, que os tomam como verdades, principalmente nas brincadeiras. Não têm problema meninas brincarem de panelinha, desde que se entendam por que elas optaram por esse brinquedo, se é por vontade de experienciar estes papéis ou por pressão social. Essa é uma situação que permite ao professor incentivar meninos e meninas a prepararem a sua própria alimentação. Dessa forma, não se trata de oprimir, mas sim de conversar sobre, de refletir junto com as crianças.

Antes de conversar com as crianças, o professor precisa entender que embora exista muita resistência também existe luta para representar as classes que vivem a margem da sociedade e que não se encaixam no padrão estabelecido como certo. Entender as diferentes necessidades da sociedade e como o gênero se normaliza, para assim compreender e possibilitar ao outro uma reflexão própria. Nesse sentido, Ribeiro e Soares (2008, p. 41) apontam:

[...] podem emergir alternativas que viabilizem o tornar-se um outro, com condições de perceber a si e os outros de outra forma, rebelando-se contra a ordem estabelecida que produziu tal qual tem sido, mas que pode, através de “revoluções”, transformar a si mesmo e as relações sociais que o circunscrevem [...] Com efeito, hoje de forma difusa na sociedade ocorrem as pequenas lutas diárias a que se travam em todas as instâncias empreendidas no embate entre as distintas posições ocupadas pelos sujeitos, dentre eles, mulheres; são lutas que não podem ser desconsideradas ou ficar á margem das práticas escolares.

A escola precisa proporcionar discussões para que sejam problematizadas as questões de gênero, mostrar representações. Para desmontar situações nas quais essa aparente normalização dos gêneros seja desvendada, exemplificadas e não ignoradas. Dessa forma, discutindo, quem sabe um dia, o gênero estará presente no dia a dia das escolas explicitamente.

## 4.2 Lazer

Tabela 2 – Pesquisa qualitativa sobre lazer

	Ensinar e aprender	SmartKids
Mãe	0	2
Pai	4	3

Fonte: Ensinar e aprender (2017); Smartkids (2017).

Nas atividades selecionadas as imagens mostram pai e filho andando de carro, pai e filho pescando, como se a filha mulher fosse excluída de atividades ditas masculinas, pois as meninas aparecem entregando presente, ou sentadas ao lado do pai enquanto ele lê jornal. Os resultados obtidos para o lazer mostram que a página Ensinar e aprender, não mostra que a mãe poder ter momentos de lazer como passear com os filhos de carro (somente o homem aparece dirigindo), pescar, pedalar, ajudar a concertar bicicleta ou até mesmo o merecido descanso no final do dia (apenas o homem aparece descansando e lendo jornal, como se fosse algo merecido apenas a ele, após um dia exaustivo de trabalho, enquanto a mãe trabalhou todo o dia em casa, mas essas atividades domésticas não são consideradas trabalho). Já na página Smartkids mesmo que em quantidade menor que a dos homens, ainda aparece atividades em que a mulher está fazendo atividades esportivas. Embora atividades ditas masculinas pela sociedade permaneçam representando o homem.

Segundo Ribeiro e Soares (2008, p. 40), atualmente as relações de dominação ainda prevalecem:

A sociedade em que vivemos ainda se caracteriza por relações de dominação, e nela a sexualidade, atitudes, comportamentos e sujeitos específicos são designados a partir do sexo primordial, o do homem. O regime masculino, que se estabeleceu ao longo dos tempos, vem ditando a posição e os papéis de homem e mulheres, cujos valores e padrões de comportamento também são legitimados e consagrados nas práticas escolares.

Atualmente, se discute gênero com um pouco mais de frequência, mas por mais que o tempo passe, alguns traços persistem, perpetuando valores sociais, de maneira equivocada, travando os avanços necessários e importantes nessa discussão. A mãe não apareceu em nenhum momento como uma trabalhadora fora do lar, como uma mulher que ajuda no sustento da casa ou sustenta a família sozinha, ou seja, a nova forma de viver da mulher moderna e não aquela submissa, dependente e obediente ao esposo.

### 4.3 Cuidado

Tabela 3 – Pesquisa qualitativa sobre cuidado

	Ensinar e aprender	SmartKids
Mãe	2	0
Pai	0	0

Fonte: Ensinar e aprender (2017); Smartkids (2017).

Em nenhum dos dois sites o pai aparece dispensando cuidado para com as crianças. A maternidade ainda continua atrelada a função feminina, cabe à mãe o papel de escolher a melhor escola, nutrir, manter a higiene e dentre outras funções que as crianças exigem. Ainda se vive em uma cultura na qual a mulheres aprendem desde pequenas que homens precisam de cuidado e é papel feminino suprir essa necessidade e romper com isso é muito difícil.

Romper a cultura do machismo é difícil, a mulher é como se fosse um produto da cultura masculina. O homem cria as regras de comportamento e faz umas mulheres vigiarem as outras para que todas se mantenham dentro desse padrão. É preciso refletir sobre o papel do homem e da mulher em um determinado tempo histórico para se dar conta da imposição do certo e do errado. A partir do momento em que se seguem regras sem se questionar o porquê, se distância da igualdade de gênero.

Uma das artimanhas do machismo para oprimir as mulheres é manter esse estereótipo de mulher. Para Furlani (2008, p. 19), a palavra estereótipo é utilizada para definir um agregado de signos ideológicos propositalmente arquitetados:

1. Sobre certos sujeitos (mulheres, pobres, negros e negras, índios, povos africanos, homossexuais, etc.);
2. Sobre certos sistemas políticos

(comunismo, socialismo, etc.); 3. Ou sobre certos estilos ou filosofias de vida (arranjos familiares, formas de amar, vegetarianismo, pacifismo, etc.).

Um exemplo clássico de estereotipação da mulher é quando ela se destaca pela sua fidelidade no casamento, enquanto o homem pode ser polígamo sem ser julgado. Ao contrário disso, o julgamento acontecerá com a mulher traída, sendo acusada, geralmente, por não saber cuidar da casa, não dar atenção que o marido merecia ou ainda dirão que o marido foi procurar na rua o que não encontrou em casa. E o que mais assusta é que esse discurso não vem apenas de homens, mulheres também julgam mulheres, foi assim que aprenderam.

É urgente a necessidade de desconstruir essas ideias errôneas sobre o papel da mulher na sociedade e para isso é preciso que as mulheres sejam emancipadas culturalmente, procurando discutir assuntos que despertem nelas questionamentos de porquê tais regras são como são, quem se beneficia com elas. Uma mulher emancipada emancipará tantas outras pessoas, assim como uma professora que entende a opressão que sofre o sexo feminino poderá esclarecer e discutir com sua classe diferentes tipos de assuntos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É preciso conversar sobre gênero com as crianças, mas para isso os adultos carecem de um maior entendimento sobre como estas construções de identidade se fazem presentes no cotidiano de suas vidas e, ao mesmo tempo, são percebidas como um fator natural. Entender a importância dessa reflexão é o primeiro caminho para entender como o gênero se faz presente e quem determina o que é de determinado sexo ou não.

Por tudo isso, acredito ser de grande valia trabalhar esse tema na sala de educação infantil. É um assunto ainda pouco explorado, mas que ao mesmo tempo é enriquecedor para que possamos ter uma maior igualdade e vivência da sexualidade de forma respeitosa. Para isso acontecer, é necessário que o professor trabalhe para de maneira lúdica com atividades que envolvam gênero e que possibilitem questionar e discutir esse assunto com as crianças.

Na maior parte das vezes, o exemplo que o professor dá ou a maneira como reage a determinadas situações, fica entendido pela criança como sendo a verdade

absoluta e isto é muito perigoso. Ao mesmo tempo em que estas situações podem levar a criança a refletir sobre algum assunto, também podem colaborar para um entendimento distorcido sobre atitudes ditas masculinas ou femininas.

O objetivo desse trabalho foi entender como são abordadas nas escolas de educação infantil essas questões de gênero e investigar qual o olhar do professor perante a construção de identidade gênero pela criança.

Com os resultados obtidos na análise dos trabalhos encontrados nos dois sites (“Ensinar e aprender” e “Smartkids”) foi possível perceber que ainda faz-se necessária uma discussão mais ampla sobre a questão de gênero. Através das atividades que se apresentavam nos sites notei que pouco se passa a criança sobre o papel social do homem e da mulher atualmente e dessa forma aquela imagem que a mamãe cuida da casa e dos filhos enquanto papai trabalha para sustentar a casa.

Hoje está se tornando mais comum a troca de tarefas dentro de casa e o empoderamento da mulher, embora isso não queira dizer que homens e mulheres já estejam recebendo o mesmo reconhecimento social e econômico. Mesmo fazendo as mesmas atividades, é comum haver discriminações sociais quando mulheres e homens agem diferente do padrão de comportamento estabelecido, assim como receber salários diferentes ocupando cargos semelhantes. Não se muda uma cultura de uma hora para a outra ao mesmo tempo em que ela não muda sozinha. Para isso acontecer, cabe ao professor empoderar mulheres e homens e os encorajar a ser o que eles quiserem. E mediar discussões que afrontem as ideias que se naturalizaram com o tempo e que são importantes para avançar em busca de uma igualdade de gêneros.

Em sua carreira profissional, o professor deve estar em constante atualização de seus saberes. Todo o professor deveria ser um pesquisador, fazer registros diários das crianças, enfim tudo o que possa qualificar e aperfeiçoar o desenvolvimento. Só um profissional reflexivo consegue desenvolver criticamente discussões sobre gênero, pois ele consegue separar a sua crença do que ele entende como necessário as crianças. Assim o professor poderá avançar para modificar esse olhar que se tem sobre gênero na educação infantil, principalmente utilizando o lúdico como mediador para explorar a temática do gênero, pois o lúdico possibilita a criança entender diferentes questões de forma prazerosa e possibilita que expressem sentimentos, emoções e a imaginação.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. v.2. Brasília, DF: MEC, SEF, 1998.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. v.1. Brasília, DF: MEC, SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília, DF: MEC, SEB, 2010.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola Infantil: Pra que te quero? In: \_\_\_\_\_ CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Orgs). **Educação Infantil pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DANTAS, Heloysa. Brincar e trabalhar. In: \_\_\_\_\_ KISHIMOTO, MochidaTizuko (Org.). **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

DESPRINCESAMENTO. São Paulo terá curso de desprincesamento. **Revista Crescer**.

Disponível em:

<<http://revistacrescer.globo.com/Crianças/Comportamento/noticia/2016/11/sao-paulo-tera-curso-de-desprincesamento.html>> Acesso em 23 nov. 2016.

ESCOLA DE PRINCESAS. Escola de princesas chega em São Paulo e gera polêmica. **Revista Crescer**. Disponível em: < <http://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2016/10/escola-de-princesas-chega-sao-paulo-e-gera-polemica.html>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

ESPERANÇA, Joice Araújo. Representações de gênero em *Power Ranger* força animal e Três Espiões Demais sob olhares infantis. In: \_\_\_\_\_ RIBEIRO, Paula Regina Costa (Orgs). **Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar**. Rio grande: FURG, 2008.

FELIPE, Jane. Sexualidade, gênero e novas configurações familiares: algumas implicações para a Educação Infantil. In: \_\_\_\_\_ CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Orgs). **Educação Infantil pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In:\_\_\_\_\_ CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHEER, Gládis Elise P. da Silva (Orgs). **Educação Infantil pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: do estereótipo à representação – argumento a favor da multiplicidade sexual, de gênero e étnico racial. In:\_\_\_\_\_ RIBEIRO, Paula Regina Costa (Orgs). **Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar**. Rio grande: FURG, 2008.

GONZALEZ-MENA, J. **Fundamentos da educação infantil**: ensinando crianças em uma sociedade diversificada. 6. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015. 448 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JUNQUEIRA FILHO, G. et al. Convivendo com crianças de 0 a 6 anos. In:\_\_\_\_\_ RAPOPORT, Andrea et. al (Orgs). **O dia a dia na educação infantil**. Porto Alegre: Mediação. 2012. p.15-44

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e magistério: identidade, história, representação. In:\_\_\_\_\_ CATANI, Denice Barbara et. al (Org). **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação/organização**. São Paulo: Escrituras editora, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**. v. 19, n. 2. maio/ago. 2008.

NEGRINE, Airton. Ludicidade como ciência. In:\_\_\_\_\_ SANTOS, Marli Pires dos (org). **A ludicidade como ciência**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In:\_\_\_\_\_ PIMENTA, S.G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; SOARES, Guiomar Freita. As identidades de Gênero. In:\_\_\_\_\_ RIBEIRO, Paula Regina Costa (Orgs). **Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar**. Rio grande: FURG, 2008.

KISHIMOTO, MochidaTizuko. In: \_\_\_\_\_ KISHIMOTO, MochidaTizuko (Org.). **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. v. 20, n. 2, jul/dez, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. Ed. Porto Alegre: Martins Fontes, 1998.